

Pautas para la presentación de la Propuesta de Políticas y Líneas de Acción (PLA)

El *PLA* es un informe original, presentado de modo sucinto, realizado a partir de la reflexión y los resultados del tema desarrollado en el transcurso de la investigación.

El objetivo del informe es enunciar los núcleos problemáticos y los conflictos sociales estudiados; los actores públicos y no estatales involucrados especificando sus posiciones, funcionamiento, tensiones y relaciones. El segundo aspecto se centra en proponer políticas públicas y/o medidas para la acción dirigidas a los partidos políticos, movimientos y organizaciones sociales, considerando sus diferentes dimensiones y contextos sectoriales y territoriales.

Con este perfil de informes CLACSO intenta ampliar la difusión de las investigaciones producidas por los/as académicos/as de América Latina y el Caribe, en el ámbito del pensamiento social y la acción política. Además, tiene la finalidad de transferir conceptos e instrumentos que contribuyan a repensar y abordar políticas públicas y acciones específicas, en diferentes campos del mundo de las relaciones y prácticas políticas.

Particularmente, se busca que estos informes incluyan proposiciones que favorezcan el diseño y aplicación de líneas de acción específicas, contemplando la identificación de actores e instituciones involucrados y/o el establecimiento de los escenarios contextuales que permiten el logro de los objetivos y resultados esperados.

El informe debe ser transmitido en un lenguaje claro, conciso y amigable, en lo posible sin citar autores ni otros trabajos, orientado a que su lectura resulte fácilmente comprensible para un conjunto de lectores diversos, amplio con distinta formación: investigadores, políticos, funcionarios, militantes y público en general. El texto debe ser autocontenido y NO debe remitir al informe o ensayos elaborado por el/a autor/a. Se sugiere NO anexar bibliografía.

Con la intención de facilitar la exposición y el acceso a su línea argumentativa, el *PLA* debe dividirse en tres partes. El documento debe ser completado dentro de esta misma plantilla. Se solicita mantener la estructura y no modificar los subtítulos.

Políticas y líneas de acción [PLA]

Nombre del/la autor/a: Ana Lúcia Pardo	Correo electrónico: anapardo.teatralidade@gmail.com
Institución: Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ	Fecha de entrega: 23/12/2014
Indicar un título breve y directo para el del documento. Máximo: 75 caracteres con espacios	
Jovens protestam nas ruas do Brasil: o que revela essa potência da multidão em revolta?	
Resumen de los datos biográficos más relevantes del/la autor/a. Máximo:	

150 caracteres con espacios

Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana UERJ, gestora cultural.

CINCO PALABRAS CLAVE

1. ATIVISMO

2. JUVENTUDE

1. PRESENTACIÓN

Introducir los temas, problemas y escenarios estudiados, determinado los actores involucrados.

Extensión: media página

3. POLÍTICA

4. ESTÉTICA

5. MANIFESTAÇÕES

Os protestos desencadeados pelo Movimento Passe Livre (MPL), de estudantes e trabalhadores que vêm se articulando desde 2005, em São Paulo, ganharam, com as manifestações em junho de 2013, uma magnitude inesperada. O MPL não só se replicou em inúmeras manifestações, nas diversas regiões e nas principais cidades do país, como também ganhou uma dimensão maior, repercutindo nos veículos de comunicação e multiplicando a pauta de reivindicações para muito além da luta contra o aumento de 20 centavos, no transporte público. Com isso, despertou forte reação expressa pelo comportamento ostensivo dos policiais, no conflito armado que acabou por acirrar os ânimos de parte dos ativistas e transformar as ruas em verdadeiras arenas de guerra.

Nesse contexto, como interpretar o comportamento desses novos atores que surgiram no cenário, a partir dos protestos de 2013, nas ruas e redes sociais do país? O que seriam esses corpos enquanto unidade, o “entre” pessoas diferentes? Isso se entendermos que esses agenciamentos coletivos têm uma lógica própria, que está se construindo na corporeidade da multidão, cujo alcance nas mídias e nas redes sociais é cultural, performático no âmbito do corpo, do discurso, do gesto. Até onde esses mecanismos, que saem do controle e estão na fronteira entre insurgências e atos de vandalismo, são capturados? Até onde podemos chamá-los de insurgências? Que estratégias utilizam e como esses elementos podem ser corporeidades múltiplas na unidade dos protestos? Poderiam ser um avesso que escapa à captura do espetáculo?

Interessa focar nessa polissemia de significados, uma estética que atravessa os protestos, um conjunto de símbolos, gestos, comportamentos, máscaras, personagens, corpos, de jovens, sejam eles representantes de entidades que deram início aos protestos, sejam eles *Black Blocs*, ativistas acampados, *Mídia Ninja*, *Anonymous*, que ocupam os espaços da cidade. Se os jovens mobilizam-se superando as formas tradicionais de fazer política, em que medida a cultura e a arte tornam-se instrumentos de mobilização de coletivos que lutam por uma ou mais demandas? O caráter performático está associado ao de violência? O que pensam esses ativistas da política e da democracia? Que subjetividades expressam? Como eles avaliam os protestos de junho?

Buscando apreender tais questões analisamos as doze hipóteses levantadas pelos sociólogos durante o Congresso da Associação Latino-Americana dos Estudos do Trabalho (ALAST) e coberturas jornalísticas na imprensa, artigos, entrevistas e livros publicados neste período. As abordagens focalizam temas que, direta ou indiretamente, estariam relacionados entre si, como: as condições de vida nas grandes cidades, a chamada nova classe trabalhadora, a mobilidade e o uso do espaço público, a segurança, o preço e a qualidade dos transportes, da saúde e da educação e as enormes cifras gastas com eventos internacionais relacionados à Copa do Mundo e às Olimpíadas de 2016.

2. ANÁLISIS POLÍTICO

Realizar un breve análisis político o reflexión en relación con el objeto de estudio.

Extensión: media página

A base de análise deste ensaio traz a definição de poder e resistência apresentada por Foucault (2004, p. 241), ao destacar que “onde existe poder, existe resistência [...]”. Esta resistência não é substância, nem é anterior ao poder que enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea”. E o estudo feito por Zanella (2012) afirma que são práticas de resistência que ali se gestam, cavando brechas e tecendo linhas de fuga na molaridade das práticas de governabilidade, em contraposição à submissão das subjetividades que predominam nas relações humanas.

Sobre a cidade e seus modos de subjetivação no contexto urbano, a urbanista Maricato (2013) considera que é preciso agir sobre a força do capital, em relação aos municípios, com obras que, na maioria das vezes, não beneficiam a maioria da população. Nada irá funcionar na esfera institucional se não estivermos nas ruas, porque o capital imobiliário, o das empreiteiras e da indústria automobilística tem muita força porque está ligado ao financiamento de campanhas políticas. Harvey, geógrafo e urbanista (Entrevista em 13/07/2012), afirma que é nas metrópoles que aparece a coesão reivindicante das periferias; “novos movimentos sociais, como o *Ocuppy*; as fábricas recuperadas por trabalhadores, em países como a Argentina; as famílias que fogem ao padrão nuclear-heterossexual-monogâmico”. É nestas cidades que se concentram tanto as energias do capital quanto as melhores possibilidades de superá-lo. “Elas não são túmulos, mas arenas. Aí se dá o choque principal entre dois projetos para a humanidade e a própria (re) construção de um projeto pós- capitalista.” Mas não é suficiente retomar os meios de produção para fazer a transformação social, defendida por Marx e Engels.

As intervenções e estratégias utilizadas pelos ativistas assumem, ainda, uma forma estética, expressa pelo atravessamento das imagens e pela performance artística. Um exemplo são os *Black Blocs* cuja tática envolve o uso da força, possibilitando mostrar ao “público” que nem a propriedade privada nem o Estado, representado pela polícia, são sagrados. O filósofo francês Jacques Rancière (2014) esclarece que, “a começar pelo conceito, democracia pode significar coisas bastante diferentes e contraditórias”; o sufrágio universal e a subsequente representação não são formas democráticas através das quais as pessoas exprimem suas preferências políticas. A democracia é sempre um poder em estado de excesso embora o autor reconheça que há democracia nos movimentos recentes.

3. PROPUESTAS

Conjunto de sugerencias y proposiciones en términos de políticas públicas y/o acciones orientadas a los movimientos sociales. En dos perspectivas temporales: de corte inmediato y de largo plazo o estructurales.

Extensión: una página

Os motivos que explicam os protestos são diversos e se somam; tem a ver com a certeza de que o transporte deveria ser um bem comum, assim como o verde da praça, a remoção das favelas, as condições de atendimento nos hospitais, a melhoria da educação, a violência policial, do mesmo modo que a água, a terra, a internet, os códigos, os saberes, a cidade. A expropriação do bem comum pelos mecanismos de poder ataca e depaupera capilarmente aquilo que é a fonte e a matéria mesma do contemporâneo - a vida (em) comum segundo Pelbart (2003). Não se trata de reivindicações, porque essas podem ser satisfeitas, mas de desejos; possivelmente outra subjetividade política e coletiva, para a qual carecemos de

categorias, esteja (re)nascendo, aqui e em outros pontos do Planeta. É mais insurreta, de movimento mais do que de partido, de fluxo mais do que de disciplina. “Os conflitos sociais que constituem o político confrontam-se diretamente, sem qualquer espécie de mediação” (Hardt; Negri, 2002, p. 417). Carecemos de um novo vocabulário e enquadramentos conceituais que permitam entender o mundo contemporâneo e as possibilidades que nos proporciona.

Na esfera federal, identificamos o campo de disputa e resistência entre os poderes executivo e legislativo, quando a Presidenta Dilma propôs uma Constituinte, um plebiscito e os conselhos populares. Apesar disso, a agenda da reforma política ganhou ampla campanha pelo país fortalecendo o debate sobre a democratização dos meios de comunicação. De acordo com a lógica do MPL, uma nova sociedade precisa ser construída pelas pessoas. De acordo com Maffesoli (2006), “no tempo das tribos, os objetivos a serem atingidos, o projeto político, social ou cultural a ser realizado está em segundo plano ou sequer é cogitado. O prazer de estar junto e a intensidade do momento são suficientes para mobilizar os afetos”. As relações dos jovens nos contextos urbanos se transformam e anunciam outras juventudes, outra urbanidade, outra ética fundada na partilha dos afetos, de pertencimento, de partilha e, fundamentalmente, de outra política, uma vez que ensejam novas formas de sentir e introduzem novas formas de subjetividade política (Rancière, 2009). Pensamos que as práticas de resistência dos jovens contemporâneos estejam além do embate, do confronto e das figuras clássicas de recusa, compartilhando das observações levantadas na pesquisa de Zanella (2012), que não são propriamente reconhecidas em suas dimensões subversivas/opositivas, por dar ênfase, assim como neste ensaio, à sua condição inventiva.